



SEÇÃO: ARTIGOS LIVRES

Hospitalidade compassiva: uma fonte de valores para um mundo pós-pandemia

Compassionate Hospitality: A Source of Values for a Post-pandemic World

Hospitalidad compasiva: una fuente de valores para un mundo pospandémico

Giovani Adelino

Mattiello¹

orcid.org/0000-0001-9186-6608

mattiello@redesul.com.br

Recebido em: 04/11/2021.

Aprovado em: 11/11/2021.

Publicado em: 30/12/2021.

Resumo: Diante de uma sociedade em transformação, afetada drasticamente pela pandemia do Covid-19, esse artigo aborda o tema da hospitalidade em sua vocação acolhedora e prestativa como modelo a guiar o surgimento de novo paradigma para as relações humanas. A hospitalidade é caracterizada como uma norma social que está presente em diversas culturas e tradições, especialmente na tradição bíblica, onde é fundamentada como um mandamento divino. Nos escritos neotestamentários, Jesus apresenta o evangelho do Reino, em um contexto que ressignifica o amor a Deus e ao próximo. Assim, frustrando diversas expectativas de seu tempo, Jesus revela um Reino onde ao mesmo tempo se coloca como hóspede, no despojamento e na simplicidade de ser acolhido, e anfitrião, oferecendo guarida ao povo excluído e marginalizado. Apresenta-se a parábola do bom samaritano (Lc 10, 25-37) como uma súpula e modelo da misericórdia de Deus que reivindica também uma atitude de compaixão para com o próximo. Desse modo, Jesus apresenta uma hospitalidade compassiva, guiada pelo horizonte mais abrangente e inclusivo do amor. Temos, assim, a partir da ideia de hospitalidade compassiva, valores que se oferecem para refletir os tempos hodiernos, em suas crises e esperanças.

Palavras-chave: Hospitalidade. Reino de Deus. Pandemia. Bom Samaritano. Compaixão.

Abstract: Before a society under transformation, drastically affected by Covid-19 pandemic, this article is about hospitality in its cozy and helpful vocation as a model to guide the beginning of a new paradigm for the human relations. The hospitality is characterized by a social norm which is present in many cultures and traditions, especially in the bible tradition, in which it is settled as a divine commandment. In the New Testament writings, Jesus presents the gospel of the Kingdom, in a way that it resignifies the love for God and neighbor. So, frustrating a lot of expectancies of his time, Jesus reveals a Kingdom which, at the same time becomes a guest, in disvestiture and in simplicity to be welcomed, and host, offering haven to the excluded and marginalized people. We present the parable of the good samaritan (Lk 10: 25-37) as a summary and model of God's mercy that reclaims an attitude of compassion for his neighbor. This way, Jesus presents a compassionate hospitality, guided by the widest and most inclusive horizon of love. Then we have, from the idea of compassionate hospitality, values that are offered to reflect current times, with its crises and hopes.

Keywords: Hospitality. Kingdom of God. Pandemic. Good Samaritan. Compassion.

Resumen: Frente a una sociedad cambiante, drásticamente afectada por la pandemia Covid-19, este artículo aborda el tema de la hospitalidad en su vocación acogedora y servicial como modelo para orientar el surgimiento de un nuevo paradigma para las relaciones humanas. La hospitalidad se caracteriza por ser una norma social presente en diferentes culturas y tradiciones, especialmente en la



tradição bíblica, donde se fundamenta como mandato divino. En los escritos del Nuevo Testamento, Jesús presenta el evangelio del Reino, en un contexto que da un nuevo significado al amor a Dios y al prójimo. Así, frustrando las distintas expectativas de su tiempo, Jesús revela un Reino donde al mismo tiempo se coloca como huésped, en la sencillez y sencillez de ser acogido, y anfitrión, ofreciendo cobijo a las personas excluidas y marginadas. La parábola del buen samaritano (Lc 10, 25-37) se presenta como resumen y modelo de la misericordia de Dios que exige también una actitud de compasión hacia los demás. De esta manera, Jesús presenta una hospitalidad compasiva, guiada por el horizonte de amor más amplio e inclusivo. Así, desde la idea de la hospitalidad compasiva, tenemos valores que se ofrecen para reflejar los tiempos de hoy, en sus crisis y esperanzas.

Palabras clave: Hospitalidad. Reino de Dios. Pandemia. Buen Samaritano. Compasión.

Introdução

Estamos em um mundo marcado por constantes mudanças, e isso não é nenhuma novidade. São os tempos líquidos, referidos pelo sociólogo Zygmunt Bauman (2000), onde nada mais é durável, sólido. Assim como a fluidez do que é líquido, o tempo em que vivemos segue um fluxo muito rápido de mudanças, nada fica onde está por muito tempo, nada se estabiliza. Tudo é marcado pela provisoriedade e efemeridade.

Há pouco mais de um ano o mundo entrou em um outro momento, e as mudanças que já eram rápidas ocorreram de forma ainda mais abrupta. Por extrema necessidade mudou-se rotinas, hábitos, costumes, trabalho, comportamentos, e passou-se a viver de formas diferentes em um mundo ainda mais movediço.

Vive-se uma transição, porque se está no caminho entre dois mundos que podem se diferenciar substancialmente um do outro. Em decorrência disso, surge ainda mais apreensão, insegurança e inquietude diante do que está por vir. Essa é a nova crise que se coloca: a humanidade se encontra à beira do caminho e diante do que se vive hoje percebe que como estava não pode seguir. A humanidade realiza uma travessia, onde o caminho que a trouxe até aqui não é mais opção para seguir. Também não há como voltar, o que havia antes já não está mais lá, apenas as sombras de um modelo que se esgotou. A única opção é seguir, e os caminhos poderão ser novamente

delimitados a partir de uma nova abordagem, mais humana e hospitaleira.

É nesse tempo de dificuldades que deve emergir um novo ser humano, capaz de se sensibilizar com a dor daqueles a quem nem conhece, capaz de ser tocado pelo olhar de tantos rostos cujo nome ignora, mas sabe que compartilha da mesma essência e, às vezes, das mesmas experiências. Deve emergir um novo ser humano, hospitaleiro, capaz de empatia, compreensão, generosidade e, acima de tudo, um ser humano capaz de se mover pelo cuidado aos outros e pelo desejo de dar um basta a tanta injustiça e sofrimento.

Nesse contexto, a hospitalidade compassiva se torna, ao mesmo tempo, resposta e caminho para ressignificar as relações humanas, cuidar da vida e diminuir o sofrimento dos que mais necessitam. Na esteira da pregação e atuação de Jesus, a experiência da hospitalidade é percebida como sinal do Reino de Deus, que por meio da compaixão e misericórdia, inclui o ser humano no horizonte da graça e salvação. Assim, a hospitalidade compassiva é fruto do amor gracioso de Deus, revelado por Jesus, pelo qual é possível estender nossas mãos em auxílio, de querer o bem e, mais que isso, de fazer o bem que queremos ver, acontecer.

1 Tecendo o caminho para a hospitalidade compassiva: conceito e tradição bíblica

A hospitalidade é uma característica que está particularmente enlaçada à cultura e tradição do povo Judeu. Como norma sociocultural, não é um valor exclusivo de Israel, uma vez que as próprias condições político-geográficas da região requeriam migrações e os deslocamentos constantes em vista da sobrevivência. Nesse ambiente de grandes distâncias e poucas habitações, dar ou pedir hospedagem era um ato de crucial importância. A hospitalidade, como fruto da necessidade, não requer um sistema complexo de formalidades ou protocolos, em geral, oferece-se ao viajante água para lavar seus pés, uma refeição e um local para dormir (Gn 19, 3), encarregando-se de sua segurança.

A hospitalidade se torna norma cultural de muitos povos do oriente médio (MONGE, 2013), tendo grande importância, como por exemplo na cultura grega (LEÃO; ROSSETI; FIALHO, 2004), onde a hospitalidade se torna xenofilia (ORTEGA, 2002), ou seja, amor ao estrangeiro. Na mitologia grega, temos ainda a história de Zeus e Hermes que se disfarçam de viajantes pobres para testar a hospitalidade do povo pelas aldeias onde passam.

Na tradição judaica, a hospitalidade é mais do que uma norma sociocultural, tornando-se um dever sagrado. Retoma na imagem do estrangeiro, a memória de sua situação de migrante no Egito (Lv 19, 33-34) onde fora maltratado e submetido a dura servidão (Dt 26,6). Essa determinação de cuidado ao migrante também se relaciona com própria condição do povo israelita de ser hóspede na terra que pertence a Deus (Lv 25, 23). Para o povo de Deus, prestar auxílio e acolher o estrangeiro é uma expressão do amor a Deus e o reconhecimento de suas próprias misérias, fragilidades e limitações.

Esse mandato divino de zelo, cuidado e acolhida ao estrangeiro e migrante, encontra, na cena hospitaleira de Abraão, sob o carvalho de Mamrê (Gn 18, 1-15), a sua mais perfeita realização, tornando-se memória positiva em relação à generosidade e hospitalidade em que se deve acolher o viajante. O encontro em Mamrê dos viajantes à entrada da tenda de Abraão se revela como a própria visita de Deus, que quis "conhecer" (Gn 18, 18) Abraão, e partilhar de sua amizade, intimidade e fidelidade. Como fruto dessa experiência de hospitalidade surge, para Abraão, o anúncio do nascimento de seu filho, em cumprimento à promessa de Deus.

Reforçam a cena hospitaleira de Abraão outras histórias que ficam marcadas na memória do povo de Deus, onde a hospitalidade gera frutos e bênçãos aos anfitriões porque apraz a Deus. Há vastas citações de cenas hospitaleiras nas escrituras (Gn 19, 1-29; Ex 2, 19-25; Jz 6, 11-24; 13, 1-25; 19, 10-30; 1Rs 17, 1-16; 2Rs 4, 1-37; Js 2, 1-24; Rt 1, 1-22; Tb 7, 1-17; 2Sm 3, 20-21; 2Cr 30, 1-27) que confirmam o valor do gesto de acolhimento, mas também de atos de inospitalidade que são tidos

como sérias ofensas e desaforo, além da quebra da tradição (1Sm 25, 1-44; Jz 4, 17-24; 1Mc 16).

Um gesto que constitui o centro de uma cena hospitaleira é, sem dúvida, a partilha do alimento na mesa da refeição. A comensalidade é por excelência a representação do acolhimento que visa reestabelecer as forças do viajante, ou inseridas em um ambiente mais formal, como um sinal de compromisso, fidelidade e aliança.

Na tradição bíblica, a abundância do alimento é sinal de bênção e graça divina, não é à toa que as imagens iniciais da terra prometida por Deus ao seu povo se materializam sob o aspecto do alimento farto e disponível a todos (Ex 3, 8; 33, 3). A falta do alimento gera a insegurança, descrença, sofrimento e morte. Ao longo da história do povo de Deus, a escassez é um dos motivos que gera migrações e deslocamento por terras desconhecidas em busca da sobrevivência, que tornam o povo hóspede em terras estrangeiras ou mesmo em suas próprias terras.

No decorrer da história do povo de Deus, a comensalidade se torna a imagem ideal da salvação como um banquete escatológico. Esse banquete se torna objeto corrente nas promessas de Deus ao seu povo, quer pela abundância que sacia, quer pela mesa que gera comunhão (Ex 3, 8; 33, 3; Sl 23, 1-6; Dt 14, 29). O banquete de salvação também é apresentado como o futuro Reino de Deus onde todos os povos serão servidos (Is 25, 6-9). Nos escritos neotestamentários, Jesus retoma e amplifica essa imagem de banquete e comensalidade para o povo de Deus e seu Reinado.

Diante da necessidade de alimento de seu povo e em sinal do compromisso com sua salvação, Deus provê o alimento em uma "comensalidade de auxílio" e faz cair o *maná* sobre o deserto. Essa comensalidade de auxílio aparece ainda no primeiro livro de Reis (17, 1-17) e, especialmente no segundo livro de Reis (42, 44), quando, nos gestos de Eliseu, se antecipa o milagre da multiplicação de pães feita por Jesus. É, pois, nos escritos neotestamentários que a comensalidade de auxílio encontra o esplendor da graça divina, quando Jesus, motivado por sua compaixão e misericórdia, realiza a multiplicação dos pães

(Mt 14, 13-21; 15, 32-39; Mc 6, 32-44; 8, 1-10; Lc 9, 10-17; Jo 6, 1-15), tornando a relva dos campos a mesa de acolhimento e comunhão.

2 A experiência da hospitalidade como sinal do Reino de Deus

Inserido na expectativa de salvação de Israel, a ideia de Reinado de Deus está presente desde os primeiros passos da caminhada do povo. Embora a terminologia "Reino de Deus" não se encontre nos escritos do primeiro testamento, senão na forma hebraica *Malkuth*, o conceito de reinado de Deus perpassa toda a história de Israel e seus períodos, formando e florescendo uma expectativa cada vez mais concreta da iminente intervenção de Deus na história.

O Reino de Deus, aguardado por séculos e predito nos discursos proféticos, não se concretiza a partir das noções humanas de domínio e submissão. O Reino irrompe na presença de Jesus e não se apresenta com o poder e glória esperado, mas se manifesta a partir da singeleza e simplicidade de quem precisa ser acolhido. Não se impõe, mas se coloca na condição de um convite aberto à humanidade. Também, o Reino apresentado por Jesus não elege os notáveis de seu povo para uma condição especial, mas com base na misericórdia de Deus, escolhe os pequeninos e machucados pela estrutura social-política-religiosa em sua comunhão fraterna. Dessa forma o Reino se apresenta em uma frutífera ambivalência: o Reino é, ao mesmo tempo, hóspede e anfitrião.

2.1 O Reino se faz hóspede

Embora a expectativa da vinda do Reinado e Senhorio de Deus possa apresentar variações ao longo dos séculos que precedem a vinda de Jesus, e mesmo durante a sua chegada, no contexto da dominação romana, podemos traçar uma imagem comum em todas elas. Essa imagem corresponde a uma revelação de Deus no palco da história de Israel com uma manifestação de força e poder irresistível que elimina qualquer oposição, hesitação e ceticismo. Colabora para

isso a imagem profética de Daniel quando da interpretação do sonho do rei Nabucodonosor (Dn 2, 31-45), de que o Reino de Deus cairá como uma pedra sobre os reinos humanos e os reduzirá à insignificância. De uma forma ou outra, os grupos ativos do tempo de Jesus esperavam a manifestação gloriosa de Deus, ora como rei, juiz, soberano, sacerdote, chefe militar, dependendo da corrente a que estavam ligados e de sua expectativa que gravitava em torno de suas expectativas apocalíptica, legalista, política ou escatológica (BLANK, 2001).

De qualquer forma, Jesus frustra todas as expectativas vigentes sobre a chegada do Reino, apresentando-o de uma maneira oposta ao da força e imposição, oferecendo-se como um caminho aberto ao seguimento, dependente da fé do seguidor e da graça misericordiosa de Deus. Esse Reino que se faz hóspede, fora do eixo da ambição dos líderes judeus, parece também confundir João Batista (Mt 11, 2-6) que, inserido na expectativa apocalíptica, esperava com a chegada do Reino, o imediato juízo e separação dos bons e maus.

O Reino de Deus, anunciado por Jesus, faz-se hóspede porque se apresenta na fragilidade e na pobreza de um peregrino, pedindo guarida e acolhimento. Em suas pregações, Jesus evidencia o caráter de simplicidade e de uma presença quase imperceptível. Requer uma disposição de fé. Ele se faz pequeno para ser acolhido e vivenciado por aquele que o descobrir. As imagens utilizadas por Jesus em suas parábolas, como a de um tesouro, semente e fermento comunicam um Reino que está presente já agora, mas que exige a descoberta, acolhimento e seguimento. O Reino age de forma misteriosa, segundo os critérios de Deus e dirige-se para sua plenificação.

O Reino de Deus irrompe na história com a vinda de Jesus. Ele é o portador do Reino e a presença viva da salvação. A encarnação de Jesus aponta para o anseio de Deus de estar na presença e no meio de seu povo. O verbo se fez carne e "habitou entre nós" (Jo 1, 14), e deseja ser acolhido: "quem me recebe, recebe aquele que me enviou" (Mt 10, 40).

Assim, como um peregrino em busca de acolhimento, o Reino de Deus pede guarida, sendo muitas vezes acolhido e outras rejeitado. A hospitalidade oferecida a Jesus e, conseqüentemente, ao anúncio do evangelho do Reino, ocorre em diversas passagens que geram conversão (Jo 4, 40; Lc 19, 1-10) e bênção (Mt 8, 14; 9, 10; Mc 1, 29; 2, 15; Lc 5, 29; 10, 38; 4, 38). Há também a rejeição (Mt 19, 16-30; Lc 2, 7; 18, 18-30; Mc 10, 17-31; Jo 1, 11) e hostilidade (Mt 2, 13; Lc 4, 29; 9, 53; Jo 10, 31), que levam Jesus à crucificação (Mc 15, 11).

2.2 O Reino se faz anfitrião

A vinda do Reino de Deus na pessoa de Jesus Cristo revela a grandeza do projeto salvífico de Deus, que não se deixa enclausurar pelas expectativas e pretensões humanas. Coloca-se em um horizonte de singeleza e despojamento, legitimado pela fé de quem o acolhe, mas para além da necessidade de ser acolhido está sua disposição em acolher. O Reino se torna anfitrião, revelando a plena misericórdia e compaixão de Deus. Para assombro e desconfiança dos que aguardavam o Reino em poder e glória, Ele se apresenta pequeno e, agora, ainda contrariando a expectativa das elites excludentes, assume um caráter inclusivo e universal, abrindo-se totalmente para os rejeitados de seu sistema político-religioso-social, em um ato de generosidade ao ser humano e em favor de sua libertação e salvação (ALONSO, 2016).

Esse caráter hospitaleiro e universal do Reino está presente nas imagens parabólicas de Jesus, principalmente nas menções dos festins messiânicos (Mt 8, 11; 22, 1-10; Lc 14, 16-24), ou mesmo nas parábolas que evidenciam a misericórdia do pai (Mt 18, 12-14; 20, 1-16; 21, 28-32; Lc 7, 41-43; 15, 4-7; 15, 8-10; 15, 11-32; 18, 9-14). Porém, é sobretudo nos gestos e atitudes de Jesus que encontramos a condição de abertura do Reino em favor dos mais fracos e marginalizados.

Esse acolhimento se manifesta nos gestos de Jesus diante do povo empobrecido e necessitado de seu tempo, cuja senda fora marcada pela opressão e injustiça. É diante dos males que deturpam a dignidade humana que Jesus

realiza os sinais da graciosa presença de Deus. Os sinais miraculosos e as curas realizadas por Jesus intentam mostrar que o tempo da salvação está presente, e que ela não é exclusividade dos poucos que assumiam a condição de justos às custas da marginalização de muitos. O Reino se oferece para acolher os pequenos, desprezados, feridos e excluídos da comunhão de sua comunidade. Assim, se apresenta como nova comunidade da salvação, novo povo de Deus. A hospitalidade do Reino não é uma característica periférica, mas um valor essencial que está intrinsecamente ligado ao próprio agir de Deus.

3 A hospitalidade compassiva como fé vivencial e realização do mandamento do Amor

A experiência de hospitalidade do povo de Deus é um preceito legal, um mandamento divino. Perpassa sua história o apelo ao cuidado com o estrangeiro (Ex 22, 20; Dt 10, 19; 24, 17; 27, 19; Jr 22, 3; Sl 146, 9; Zc 7, 10). Também é uma determinação dos escritos do primeiro testamento o dever do amor a Deus e ao próximo (Dt 6, 5; Lv 19, 18). Na esteira do anúncio da chegada do reinado de Deus e da pregação de Jesus, porém, tanto as ideias de amor a Deus como ao próximo são alargadas e ressignificadas. No evangelho do Reino, o amor a Deus se torna o centro da experiência de vida, consequência da aceitação misericordiosa e retribuição gratuita ao amor recebido.

O amor ao próximo também está intrinsecamente ligado ao amor a Deus, em sua total doação e despojamento para aquele que, em vista do mesmo Pai, se torna irmão e irmã, independentemente do grupo ou matriz cultural a que pertence. Do mesmo modo, o conceito de hospitalidade também deve ser percebido nesse horizonte mais inclusivo do amor. Temos, pois, uma hospitalidade que não é fruto de uma norma ou determinação legal, mas efeito de um agir inspirado e mantido pelo amor que perpassa o evangelho.

Temos na parábola do bom samaritano (Lc 10, 25-37) um breviário desse amor a Deus irradiando em uma atitude de acolhimento e compaixão ao próximo. Um ponto fundamental da parábola, na

perspectiva da hospitalidade, é que o próximo, cuja figura imprecisa levanta o questionamento do legista, é todo aquele que se encontra pelo caminho, principalmente o necessitado.

Jesus, não apenas interpreta de forma abrangente e em uma concepção incluyente e igualitária a noção de próximo, como também subverte a lógica que submetia as relações sob a ótica meramente legalista: Jesus mostra, pela parábola, que a questão mais importante é o deslocamento do sujeito principal da história, que deixa de ser os transeuntes que tinham a opção de acolher o necessitado, e passa ele próprio, o homem que caiu em desgraça, a ser o sujeito principal. É na perspectiva dele que se deve pensar quem foi o próximo. Esse deslocamento de cena aponta para o que é mais importante na relação com o próximo: pela misericórdia e compaixão advém a inevitabilidade de nos tornarmos o próximo daquele que necessita.

No cenário da hospitalidade compassiva, a sensibilidade ao sofrimento humano e o amor ao próximo, assumido em uma *práxis* misericordiosa, encarnam o valor supremo do evangelho do Reino, em sua dimensão acolhedora e inclusiva. Na parábola do bom samaritano há a insistência de Jesus no *fazer* (Lc 10, 28; 10, 37) como forma de levar à perfeição o mandamento do amor. Assim, ultrapassa-se o entendimento estreito e, muitas vezes infrutífero, do campo meramente moral e abstrato para um amor que gera consequências palpáveis e transformadoras da realidade vivida.

Desta forma, mais do que uma ética ou moral cristã, o amor anunciado no evangelho do Reino se faz compreender a partir da ideia de uma fé vivencial (JEREMIAS, 2015), ou seja, um amor que precede as exigências legalistas e que se torna dom a fundamentar o existir e a vida (JEREMIAS, 2015) do seguidor. Esse amor não pode ser medido por meio de ritos, cerimônias e protocolos, ele brota no coração daquele que se converteu ao evangelho do Reino e se faz morada para que esse amor gere frutos pela misericórdia e compaixão. Uma fé vivencial ultrapassa formalidades, regras e costumes, tendo como meta a imitação do amor de Cristo.

Na parábola em questão, há uma forte sinalização de Jesus para o rompimento de uma perspectiva que se apoia em uma fé inoperante e infrutífera, alicerçada apenas em ritos e conjurações legais. Os ouvintes de Jesus, especialmente o legista que origina o debate em questão, devem ter ficado perplexos diante do personagem modelo de compaixão e misericórdia que Jesus insere na parábola. Um samaritano, que também é um viajante, surge como figura exemplar da materialização do mandato divino do amor ao próximo.

Para além da configuração de ódio e hostilidade que nutrem as relações entre judeus e samaritanos ao longo dos séculos, o que move a atitude benfazeja do samaritano da parábola, é unicamente a compaixão, o desejo de cessar a dor e o sofrimento daquele necessitado. O bom samaritano cumpre um rito de hospitalidade, para além das disposições legalistas, culturais ou tradicionais, que brota simplesmente do amor que quer agir em prol do desamparado.

A parábola nos traz, no horizonte do Reino de Deus, uma hospitalidade que verte de uma fé vivencial, como concretização do amor ao próximo e a Deus e, assim, estabelece um novo tipo de hospitalidade que supera o caráter meramente cultural, tradicional e religioso e se torna misericórdia e compaixão.

4 Um mundo pós-pandemia na perspectiva da hospitalidade compassiva

Considerando os valores estabelecidos a partir da relação anfitrião-hóspede de uma hospitalidade compassiva, pode-se pretender alargar sua abrangência e convertê-los em valores para uma cena mais ampla, que integre as relações da sociedade como um todo, em uma perspectiva mais hospitaleira. A hospitalidade compassiva se torna resposta para o sofrimento humano, pois é o contrário do abandono e descaso que debilita o ser humano e suas relações. É a própria experiência do amor gracioso e misericordioso de Deus para com seu povo, apontando para seu Reino como um sinal de sua presença.

4.1 Reconhecer a fragilidade humana

O primeiro valor hospitaleiro é o reconhecimento da fragilidade da vida humana. Aquele que anda sozinho sabe os perigos que a estrada lhe apresenta e o quão difícil é o caminho quando não se tem o amparo de alguém. As dúvidas, incertezas e angústias que são próprias dos que partem para uma jornada são amplificadas quando se está desacompanhado.

O ser humano pode realizar maravilhas com a sua mente e inteligência aguçada. É capaz de grandes construções, invenções, descobertas, conquistas e de desenvolver capacidades e habilidades novas a cada momento. Isso pode nos trazer a ilusão de que, ao dominarmos a técnica, ultrapassamos nossa própria condição de criaturas e nos tornamos semideuses, divinizados pela vaidade de assumir uma condição que não nos é compatível.

Na mitologia grega surge a história de Tântalo, que apesar de ser um mortal, considera-se igual aos deuses e, por isso, desafiando a onisciência divina, convida-os para um jantar onde lhes é servida a carne de seu próprio filho. Tântalo quer mostrar que os deuses não se diferem dele próprio e não podem saber daquilo que fora feito em segredo. Mas os deuses percebem a armação e decidem punir Tântalo por sua insolência e atrevimento. A punição de Tântalo é estar imerso com água até o pescoço e perto de árvores frutíferas, porém não conseguir se servir delas para matar a sua sede e fome. Toda vez que Tântalo se inclina para tomar água, essa foge de seu alcance. Toda vez que tenta apanhar as frutas, o vento forte afasta os galhos de suas mãos.

Tântalo vive o suplício de ter tudo o que mais deseja, bem perto de suas mãos, mas sem poder usufruir, por jamais conseguir alcançá-las. Assim, Tântalo, que tudo o que agora deseja é matar sua fome e sede, torna-se o símbolo do desejo insaciável, de sentir-se tão perto e mesmo assim tão longe de satisfazer suas vontades.

Assim como Tântalo, que nega a sua condição de mortal e deseja ser um deus, o ser humano ainda continua a desejar ser aquilo que não pode ser, por essência. O ser humano se auto deifica,

busca uma divinização de si que o afasta daquilo que realmente pode ser. No intuito de querer ser um deus, não sabe ser um humano. Constrói uma imagem de si que não condiz com a realidade de seu ser. Desta forma, o ser humano vive um ser "fora de si", ou seja, querendo ser aquilo que não pode ser, acaba não sendo aquilo que deveria ser.

Podemos retomar a famosa inscrição que se encontra na entrada do templo de Delfos, "conhece a ti mesmo", para expressar a ideia da compreensão de nosso lugar e de nossa humanidade. Aquele que percorre os caminhos da sabedoria em busca da verdade, descobre-se como um ser humano, que, embora aspire o infinito, reconhece a sua finita condição, sua fragilidade e seu pertencimento a uma totalidade como criatura (KARL, 1989). Perpassa, aliás, quase a totalidade da filosofia clássica a ideia de harmonia do cosmos e a ordem em que o ser humano se encontra. Para os gregos antigos, esse é o caminho para o equilíbrio e, conseqüentemente, para uma vida feliz.

Não somos deuses, não somos imortais, não somos indestrutíveis, não somos onipotentes, não estamos acima e nem fora da natureza, e acreditar no contrário disso é presunção e nos afasta de nossa própria humanidade e nossa condição de vulnerabilidade diante da vida. Um pensamento antigo atribuído a Salomão no livro de Eclesiastes nos diz: vaidade das vaidades, tudo é vaidade (Ecl 1, 2). Na transitoriedade de nossas vidas, na brevidade de nosso tempo, essas vaidades são devaneios e alienação de si, porque não correspondem ao caráter substancial da vida humana. A engano gerado pela vaidade nos torna como tolos a "correr atrás do vento", outra expressão de Eclesiastes (Ecl 2, 17).

Assim como um viajante em busca de acolhimento, o ser humano deve aceitar as suas fragilidades, seus limites e suas finitudes, porque isso não o torna mais fraco, o torna mais humano, coloca-o em harmonia com seu ser e alerta para a necessidade do cuidado com a vida e com a terra, em uma relação de amor, em oposição às relações de dominação (MOLTMANN; BOFF,

2014). Além disso, foi nossa condição de fragilidade e de vulnerabilidade que nos levou a nos associarmos às outras pessoas, andar em grupo, buscar proteção, criar ferramentas, compartilhar recursos, socializar nossas experiências e tornar coletiva as nossas relações e realizações. Pela coletividade e pela cooperação nos tornamos fortes e capazes de evoluir (MOLTMANN, 2012).

Nossa relação é de interdependência com o meio ambiente e com as pessoas. Na verdade, isso é o que há de mais humano e constitui nossa essência primária: somos seres sociais e nos constituímos a partir de nossas interações. Somos dependentes da cooperação e sem ela nos tornamos mais frágeis e suscetíveis a adversidades que ameaçam a vida. É preciso, portanto, abraçar um vínculo mais solidário e responsável com o planeta e entre as pessoas que resulte em maior consciência dessa interdependência.

4.2 Compreender a força do presente

O segundo valor hospitaleiro é compreender a força do presente. Aquele que está em saída, busca o alimento de hoje, a segurança de hoje, o descanso de hoje. Assim como aquele que acolhe, assim o faz para saciar as necessidades de hoje de seu hóspede. Nessa relação, considera-se o tempo que passou e tempo que ainda há de vir, mas o peso recai sobre o que se faz agora, na urgência do momento e da situação.

Neste período pandêmico, aprendemos que a palavra "presente" tem significados mais expressivos do que percebíamos: aprendemos a diferença que existe entre estar presente e ser presente. Ser presente, na compreensão de ser presença ativa, cuidadora, amável, onde possamos ser sentidos efetivamente pelos outros que nos encontram. Ser uma presença manifesta, palpável e, assim também poder ser presente, no sentido de dádiva, de oferecimento, de entrega de tudo aquilo que temos e somos de melhor.

Além disso, a palavra "presente" também nos remete ao tempo. Presente é o momento no tempo em que de fato vivemos. É o hoje, o vigente. Disso já sabíamos, assim como sempre soubemos que o passado e o futuro não são

lugares para se viver, apenas o presente é que nos dá guarida e oportunidade de sermos. Mas, diante da condição que experimentamos hoje, essa percepção fica muito mais intensa. Mesmo que haja o desejo de repetir o que passou, o ontem nunca esteve tão longe de nós como agora.

É como se tivéssemos dado um salto temporal, e o que aconteceu há cerca de apenas um ano, ficou em outro tempo e lugar completamente inacessíveis. Assim como o futuro, que não ficou mais distante, mas bem menos previsível, apesar de todo o planejamento que possamos fazer, não temos mais a certeza do que pode acontecer logo aí adiante. Tudo pode mudar em instantes. O presente ficou mais intenso e se apresenta com mais força nas nossas decisões. Nesse presente é que precisamos dar os próximos passos, e eles são muito importantes. O presente ganha força na esperança pelo futuro. Esperança, não em uma perspectiva de esperar o futuro que há de vir, mas de agir em prol desse futuro, a partir das forças e possibilidades do agora, construir a meta a ser alcançada. O presente nos convida a agir por meio da esperança e, tendo em vista a meta futura, renovar e transformar esse mesmo presente (MOLTMANN, 2005).

4.3 Acolher o outro

O terceiro valor que advém das relações de hospitalidade é o que, talvez, se coloca com mais força e urgência. A hospitalidade é exercida a partir do acolhimento do "outro". Em uma sociedade tão plural, diversa e com tantos estilos e compreensões de mundo diferentes, onde há um constante choque de culturas, religiosidades e comportamentos, a hospitalidade se faz essencial, porque se coloca como um caminho apaziguador diante do encontro com o outro. E esse encontro com o outro acontece, compulsoriamente, não dependendo de nossa vontade. O encontro ocorre na ida ao supermercado, na fila do banco, na calçada, no trânsito, na praça, no trabalho, na escola.

Esse encontro não pode se realizar a partir de preconceito, rejeição ou discriminação, porque apenas reproduziríamos uma relação de hostilidade que impõe violência ao mundo. Deve nos

levar a pensar sobre quem é esse outro, de onde vem, quais os seus caminhos, sua história, suas necessidades. Deve nos levar a olhar para nós mesmos e a compreender quem somos diante desse outro. A hospitalidade requer, assim, um exercício de alteridade, pois no reconhecimento das diferenças é que se abre caminho para a tolerância e para o diálogo. Mas muitas vezes pensamos: "Não é possível dialogar, pois não temos nada em comum. Somos muito diferentes". O diálogo não é uma tentativa de eliminar as diferenças, mas de conviver bem apesar das diferenças. É justamente pelas diferenças que se conserva a necessidade de dialogar. Além disso, o diálogo não requer uma resposta como uma síntese conclusiva, o propósito do diálogo é "simplesmente se encontrar" (BÉTHUNE, 2013, p. 151, tradução nossa). Nisso se reconhece o outro como um ser humano, apesar das diferenças.

Na perspectiva da hospitalidade, na soleira da porta se dividem dois mundos que podem diferir-se totalmente: o mundo daquele que chega, com suas necessidades, receios, expectativas, e todo o fardo de quem está em saída; e o mundo daquele que recebe, em sua estabilidade e sua capacidade de receber, mas não sem suas preocupações e desconfianças. Essa soleira é o momento do encontro e do diálogo que permite a aceitação e o respeito para com outro. A pandemia nos trouxe uma realidade social mais difícil, onde aqueles que menos têm serão mais afetados pela debilidade do sistema social. Ainda mais pessoas precisarão de auxílio, assistência e acolhimento.

4.4 Compartilhar

Surge então a necessidade de compartilhar, que é um quarto valor que recolhemos na hospitalidade. Aquele que abre as portas de sua casa para acolher o próximo, compartilha não apenas de seus bens, mas do seu modo de viver. Tem agora sob sua tutela alguém a quem deve prestar guarida e cuidar de sua segurança. Na tradição e na história da hospitalidade considera-se uma "obrigação solene" (TELFER, 2004, p. 54) do anfitrião de assegurar que nenhum mal aconteça ao seu hóspede enquanto este estiver sob o seu teto. Assim, o anfitrião tor-

na-se responsável por seu bem-estar e felicidade. Tomar essa noção de responsabilidade de cuidado diante do que tem necessidade como um princípio a ser inculturado pela sociedade de forma geral tornaria o mundo mais humano e mais justo.

Nessa relação de responsabilidade entre anfitrião e hóspede, o compartilhar torna-se inevitável, pois no encontro de duas histórias, a troca de experiências e a incorporação de um ou outro gesto, faz com que esse encontro gere frutos que cada um leva consigo. A partir da experiência da hospitalidade, a humanidade é capaz de desenvolver o valor da partilha, onde o desapego seja um aprendizado, e o esforço seja para acumular experiências e não bens materiais, com o propósito de partilhar e não apenas possuir.

4.5 Cuidar da casa comum

O quinto valor que colhemos a partir da hospitalidade é a relação de cuidado com a casa que abriga, pois, segundo Darke e Gurney (2004, p. 119), a hospitalidade "sempre envolve obrigações recíprocas". Além disso, como explicam os autores, o hóspede possui "uma dívida de honra para com o anfitrião", tendo como obrigação zelar pelos bens postos a lhe servir. O hóspede está de passagem, mas encontra o que precisa para garantir sua sobrevivência na acomodação que o recebe. Seu dever é de preservar as instalações e tudo o que nela há durante sua passagem. Tal situação ocorre com o ser humano que é hóspede no planeta que o recebe. Dessa forma, a casa que abriga a humanidade deve ser preservada, em respeito ao seu criador, e também porque sua própria sobrevivência está condicionada a ela. Compreender a terra em que habita como uma casa comum a todos e todas é uma necessidade urgente de nossos dias.

As fronteiras, muros, divisões e estados fazem parte da criação humana e têm regência somente sobre ela. A natureza não compactua com os limites políticos e geográficos e age soberanamente sobre todo o globo. Para Moltmann (2012, p. 65), o ser humano pode desencadear no aniquilamento ecológico mundial, pois vive de modo "ambientalmente perigoso". Não sabemos

se a humanidade sobreviverá ou será exterminada pela armadilha suicida a que está dependente. De toda forma, é melhor não o sabermos, pois em qualquer caso, sabendo ou não da própria sobrevivência, não agiríamos para mudar a forma com que nos relacionamos como planeta, isso porque não adiantaria ou não precisaria. Assim, resta-nos agir hoje como se o futuro da humanidade dependesse de nós (MOLTMANN, 2012).

Ademais, a pandemia nos deixou clara a relação de correspondência e reciprocidade das ações humanas e a interdependência coletiva. Portanto, mais do que pensar em ações de cuidado com o planeta, é necessária uma verdadeira "conversão ecológica" que seja capaz de efetivar profundas mudanças no sistema de produção e consumo, em um âmbito geral, e em um âmbito individual, que consiga levar a transformações no estilo de vida das sociedades modernas.

4.6 *Reunir-se à mesa*

Por fim, um valor que se apresenta como um molde exemplar das relações de hospitalidade é a comensalidade. Como já referido, a comensalidade é um gesto central na cena hospitaleira, pois nela está o acolhimento, partilha, respeito e igualdade. Etimologicamente, a comensalidade é derivada do latim *mensa* que constitui como significado a mesa, reproduzindo a ideia de reunir-se à mesa. Aqueles que se reúnem em torno da mesa de refeição compartilham da confiança e estreitam laços entre si, gerando compromisso, reciprocidade e pertencimento. Estar à mesa, poder comer e beber juntos, gera o sentimento de pertencimento à mesma família (MOLTMANN; BOFF, 2014).

A ideia hospitaleira de comensalidade e, sobretudo, de uma "comensalidade de auxílio", já mencionada, vem ao encontro das necessidades hodiernas, quer seja pela esperança de libertação e comunhão fraterna, mas principalmente no esforço diário pela busca do alimento e sobrevivência. Os desfavorecidos e necessitados de nossas sociedades tendem a ser os mais atingidos pelas carências do sistema social e serão os mais afetados pelo decréscimo econômico pós-pandemia que afetará grande parte do globo terrestre.

Aqui a ideia de repartir o alimento, dar acesso ao trabalho e prover as necessidades básicas aparece com a urgência de uma peregrinação no deserto distante dos viveres necessários para a caminhada. Antes de qualquer exigência ou qualquer política pública de médio prazo, será necessário alimentar e saciar a fome e sede do povo peregrino de nossos dias.

Considerações finais

Introduzimos esse artigo discorrendo sobre o momento de transição provocado pela pandemia, que colocou a sociedade em um novo itinerário de lutas e desafios, acelerando mudanças e deixando ainda mais desassistidos e desamparados os que já sofriam pelas frágeis estruturas de auxílios sociais. Em meio a tantas incertezas que se oferecem para esse momento e para uma condição de pós-pandemia, deve ainda persistir a esperança de que, em meio a tanta dor e sofrimento, o ser humano possa despertar para uma nova época e consciência de que lhe seja possível reconhecer o seu pertencimento a uma comunidade humana, em uma perspectiva mais solidária e compassiva. Para esse momento, a literatura da hospitalidade se oferece como caminho para o fortalecimento de uma melhor relação entre as pessoas e com o mundo, guiados pelos valores que são inerentes à condição daqueles que recebem e são recebidos, em um vínculo de afinidade e pertencimento.

A hospitalidade é um conceito que se desenvolve nos povos do oriente médio como uma norma de vital importância para a sobrevivência das sociedades primitivas. Especialmente para o povo de Israel, ela se torna mais de que uma norma cultural, tendo a força de um mandato divino. É, pois, nessa relação de Deus com seu povo que vai se tecendo o caminho para que a hospitalidade seja um valor que considera o ser humano em sua condição finita e frágil de criatura, mas que também o aproxima do divino, na busca de sua imitação ao Deus hospitaleiro. Essa experiência perpassa as escrituras e amadurece a perspectiva de amor ao próximo, que vai sendo sentida e, assim, segundo Di Sante (2012, p. 94,

tradução nossa), "através da narrativa de um Deus que hospeda o ser humano", estabelece-se um princípio de amor retributivo que deságua em um "humano hospitaleiro, onde a primeira e a última palavra não é ser para si, mas ser para o outro".

No evangelho do Reino, tanto essa face hospitaleira de Deus quanto a sua presença a ser acolhida é manifestada por Jesus, que anuncia uma nova relação com Deus e com o próximo, pautada na plenitude do amor. Esse amor anunciado por Jesus ultrapassa sua concepção meramente jurídica, que o enclausura em um legalismo infrutífero e o leva à perfeição, resgatando a vontade original de Deus em sua graça e bondade. Nessa mesma esteira, propõe-se uma hospitalidade que supera a perspectiva de uma norma regulamentada pelo costume ou tradição, e se torna em consequência inevitável, como fruto desse amor a Deus e ao próximo guiado pela misericórdia e compaixão.

A hospitalidade compassiva, exemplificada no agir do samaritano da parábola de Lucas (Lc 10, 25-37), é o amor vivencial do Reino de Deus, que se oferece para alicerçar um mundo novo, de maior acolhimento e cuidado com o ser humano e com o planeta, em um esforço conjunto para fazer cumprir a vontade de Deus aqui na terra, abrindo-se para a justiça, bondade e gratuidade.

Referências

- ALONSO, Juan José Hernández. *Jesús de Nazaret: sus palabras y las nuestras*. Maliano: Sal Terrae, 2016.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- BÉTHUNE, Pierre-François de. *L'ospitalità: la strada sacra delle religioni*. Milano: Edizioni San Paolo, 2013.
- BLANK, Renold Johann. *Escatologia do mundo: o projeto cósmico de Deus*. São Paulo: Paulus, 2001.
- DARKE, Jane; GURNEY, Craig. Como Alojjar? Gênero, hospitalidade e performance. In: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison (org.). *Em busca da hospitalidade: perspectiva para um mundo globalizado*. Barueri: Manole, 2004. p. 111-144.
- DI SANTE, Carmine. *Lo straniero nella bibbia: ospitalità e dono*. Milano: Edizione San Paolo, 2012.
- JEREMIAS, Joachim. *Estudos no Novo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã, 2015.

KARL, Rahner. *Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1989.

LEÃO, Delfim F.; ROSSETI, Livio; FIALHO, Maria do Céu G. Z. (coord.) *Nomos: direito e sociedade na Antiguidade Clássica*. Madrid: Ediciones Clásicas Madrid, 2004.

MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MOLTMANN, Jürgen. *Ética da Esperança*. Petrópolis: Vozes, 2012.

MOLTMANN, Jürgen; BOFF, Leonardo. *Há esperança para a criação ameaçada?* Petrópolis: Vozes, 2014.

MONGE, Claudio. *Stranieri con Dio: l'ospitalita nelle tradizioni dei tre monoteismi abramitici*. Milano: Edizioni Terra Santa, 2013.

ORTEGA, Francisco. *Genealogia da Amizade*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

TELFER, Elizabeth. A filosofia da hospitalidade. In: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison (org.). *Em busca da hospitalidade: perspectiva para um mundo globalizado*. Barueri: Manole, 2004. p. 53-78.

Giovani Adelino Mattiello

Mestre e doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil

Endereço para correspondência

Giovani Adelino Mattiello

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Escola de Humanidades – Programa de Pós-Graduação em Teologia
Av. Ipiranga, 6681
Partenon, 90619900
Porto Alegre, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.